

Filosofia Contemporânea e o Processo de Aprendizado no Ensino Médio

Carlos Antonio Carvalho da Silva

Resumo: A Filosofia Contemporânea, inserida no contexto educacional do Ensino Médio, desempenha um papel essencial na formação do pensamento crítico dos estudantes. A partir do estudo da História da Filosofia, compreende-se que o desenvolvimento das ideias filosóficas — desde a Grécia Antiga até as correntes atuais — proporciona ferramentas para refletir sobre questões éticas, políticas, epistemológicas e existenciais. No processo de aprendizado, a Filosofia favorece a autonomia intelectual, o exercício da argumentação e a capacidade de questionar a realidade. O ensino filosófico, nesse sentido, não deve se restringir à repetição de doutrinas, mas funcionar como prática ativa do pensar, promovendo o diálogo entre a tradição filosófica e os desafios contemporâneos vivenciados pelos jovens. Dessa forma, a Filosofia no Ensino Médio contribui decisivamente para a formação de sujeitos reflexivos, críticos e socialmente conscientes.

Palavras-chave: Filosofia Contemporânea; Ensino Médio; Pensamento Crítico; Autonomia; Formação Ética



Recebido em: Maio. 2024; Aceito em: Out. 2024.

DOI: 10.56069/2676-0428.2024.809

Pesquisa em Contextos Diversos: Diálogos Acadêmicos

Novembro, 2024 v. 3, n. 23

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



Contemporary Philosophy and the Learning Process in High School

Abstract: Contemporary philosophy, in the educational context of secondary education, plays a fundamental role in the formation of critical thinking among students. Through the study of the history of philosophy, it is understood that the development of philosophical ideas —from Antigua Greece to current trends— provides tools to reflect on ethical, political, epistemological and existential questions. In the learning process, philosophy fosters intellectual autonomy, the exercise of argumentation and the ability to question reality. Philosophical teaching, in this sense, should not be limited to the repetition of doctrines, but it should function as an active practice of thought, promoting dialogue between philosophical tradition and contemporary challenges facing young people. In this way, philosophy in secondary education contributes decisively to the formation of reflective, critical and socially conscious individuals.

Keywords: Contemporary philosophy; Secondary education; Critical thinking; Autonomy; Ethical training

Filosofía contemporánea y el proceso de aprendizaje en la escuela secundaria

Resumen: La filosofía contemporánea, en el contexto educativo de la educación secundaria, desempeña un papel fundamental en la formación del pensamiento crítico del alumnado. Mediante el estudio de la historia de la filosofía, se comprende que el desarrollo de las ideas filosóficas —desde la Antigua Grecia hasta las tendencias actuales— proporciona herramientas para reflexionar sobre cuestiones éticas, políticas, epistemológicas y existenciales. En el proceso de aprendizaje, la filosofía fomenta la autonomía intelectual, el ejercicio de la argumentación y la capacidad de cuestionar la realidad. La enseñanza filosófica, en este sentido, no debe limitarse a la repetición de doctrinas, sino que debe funcionar como una práctica activa del pensamiento, promoviendo el diálogo entre la tradición filosófica y los desafíos contemporáneos que afrontan los jóvenes. De esta manera, la filosofía en la educación secundaria contribuye decisivamente a la formación de individuos reflexivos, críticos y con conciencia social.

Palabras clave: Filosofía contemporánea; Educación secundaria; Pensamiento crítico; Autonomía; Formación ética

Introdução

A Filosofia Contemporânea, ao dialogar com os desafios do mundo atual, assume um papel fundamental na formação crítica dos estudantes do Ensino Médio. Em um cenário marcado por rápidas transformações sociais, culturais e tecnológicas, a presença da filosofia no currículo escolar não apenas preserva a tradição do pensamento reflexivo, mas também amplia a capacidade de interpretação e ação consciente dos jovens diante da realidade. Nesse contexto, o ensino de Filosofia deixa de ser meramente conteudista e passa a constituir-se como uma prática viva, voltada à construção da autonomia, da argumentação e da ética (ARANHA; MARTINS, 2013).

Tal compreensão está alinhada à proposta de um ensino filosófico que ultrapassa a simples transmissão de conteúdos e se configura como exercício constante do pensar, conforme defendem autores como Cerletti (2003, 2009), que tratam o ensino de Filosofia como um problema filosófico em si, exigindo constante reflexão sobre a prática docente e o papel da disciplina. Essa abordagem é reforçada por Araújo, Campos e Bulhões (2018), ao apontarem que a filosofia deve ser entendida como prática reflexiva que contribui para a emancipação do sujeito. Por sua vez, Araújo et al. (2018) ressaltam as dificuldades e os avanços do ensino de Filosofia no ensino básico, destacando que, apesar das limitações históricas e estruturais, há um movimento crescente de valorização da disciplina como ferramenta de formação crítica.

Assim, o ensino de Filosofia, inspirado pelas correntes contemporâneas, torna-se cada vez mais uma experiência formadora que estimula o estudante a pensar com liberdade, a questionar e a construir sentidos, reafirmando a importância da disciplina no contexto da educação básica brasileira.

Diante disso, a presente investigação é guiada pela seguinte pergunta: quais são os principais desafios e avanços relacionados ao ensino de Filosofia no Ensino Médio, especialmente à luz das contribuições da Filosofia Contemporânea?

O objetivo geral deste artigo foi analisar como a Filosofia Contemporânea pode contribuir para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem da Filosofia no Ensino Médio, promovendo o pensamento crítico e a formação ética.

dos estudantes. Como objetivos específicos, buscou-se: a) identificar as principais dificuldades enfrentadas no ensino de Filosofia nas escolas de nível médio; b) destacar os avanços e experiências pedagógicas bem-sucedidas; c) refletir sobre como o diálogo com autores contemporâneos pode renovar as práticas filosóficas em sala de aula.

A justificativa para este estudo está centrada na importância de se repensar o papel da Filosofia como disciplina formadora em tempos de crise de valores, desinformação e ausência de pensamento crítico. Considerando os desafios enfrentados pelos educadores e o potencial transformador da filosofia, torna-se necessário compreender como ela pode ser ensinada de maneira significativa, especialmente em um momento em que se debate o lugar das humanidades na educação básica.

A metodologia utilizada fundamenta-se na revisão bibliográfica de obras e artigos acadêmicos que discutem a importância da História da Filosofia, o papel da Filosofia Contemporânea e os aspectos pedagógicos do seu ensino no Ensino Médio. Segundo Gil (2012), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material já publicado, principalmente livros e artigos científicos, sendo especialmente útil para a análise de temas teóricos ou para o levantamento de abordagens já realizadas sobre um determinado problema. Assim, a análise aqui proposta contempla autores clássicos e contemporâneos, bem como documentos educacionais que orientam a prática docente no Brasil.

2 A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA E SUA RELEVÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

A Filosofia Contemporânea apresenta uma vasta gama de temas e abordagens que a tornam especialmente relevante para o contexto educacional atual. Diferentemente das tradições clássicas que buscavam a essência do ser, da verdade ou da razão universal, os pensadores contemporâneos tendem a deslocar o foco da investigação filosófica para questões éticas, linguísticas, subjetivas, sociais e políticas que perpassam a existência concreta dos sujeitos. Esse movimento amplia significativamente o horizonte da reflexão filosófica, tornando-a mais próxima dos problemas reais enfrentados pelos estudantes no Ensino Médio.

A emergência de correntes filosóficas como o existencialismo, a fenomenologia, a hermenêutica, a filosofia da linguagem, a filosofia analítica e o pós-estruturalismo trouxe à tona novos modos de pensar que questionam as verdades estabelecidas e promovem o exercício constante da dúvida e da crítica. Autores como Michel Foucault, Hannah Arendt, Judith Butler, Ludwig Wittgenstein e Martin Heidegger representam essa diversidade de perspectivas, propondo uma filosofia que, mais do que explicar o mundo, convida à ação, à reflexão ética e ao engajamento social.

No campo educacional, essas abordagens contribuem para que a Filosofia deixe de ser apenas uma disciplina escolar e passe a ser compreendida como um modo de vida e um instrumento de transformação. Como observa Rocha (2008), a prática filosófica no Ensino Médio deve ir além da repetição de conteúdos históricos, tornando-se um espaço de problematização e formação crítica do sujeito. Isso significa dialogar com as inquietações dos jovens, conectando o conteúdo filosófico às vivências e aos conflitos que marcam sua formação identitária e cidadã.

Nesse contexto, a Filosofia Contemporânea fornece aos estudantes ferramentas para compreender o mundo de forma crítica, situando-se em relação aos discursos de poder, às estruturas de exclusão, às questões de gênero, identidade, consumo e cultura digital. Essa abordagem é essencial em uma época marcada por intensas mudanças e pelo enfraquecimento de vínculos coletivos. A educação filosófica, ancorada no pensamento contemporâneo, assume o papel de promover a autonomia, a escuta e o pensamento ético-reflexivo.

Conforme Russell (2001), a filosofia não fornece respostas definitivas, mas amplia o campo de possibilidades e liberta a mente do dogmatismo. Tal concepção é coerente com a proposta de uma educação emancipadora, em que o estudante aprende a pensar por si, questionar argumentos e posicionar-se diante da realidade. É nesse sentido que a Filosofia Contemporânea adquire especial relevância para a educação básica, ao contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel no mundo.

2.1 Desafios e Limitações no Ensino de Filosofia no Ensino Médio

Embora a importância da Filosofia no Ensino Médio seja amplamente reconhecida por estudiosos da educação e da formação ética, a realidade das escolas brasileiras ainda apresenta inúmeros obstáculos à efetiva implementação de um ensino filosófico de qualidade. Entre os principais desafios estão a desvalorização histórica da disciplina, a precarização das condições de ensino, a formação insuficiente dos docentes e as diretrizes curriculares que, muitas vezes, priorizam conteúdos pragmáticos em detrimento da formação crítica.

Conforme aponta Ribeiro (1978), a organização escolar brasileira teve sua estrutura marcada por uma lógica tecnicista e utilitarista, que relegou as humanidades a um papel secundário. Isso se reflete até hoje na forma como disciplinas como a Filosofia são tratadas nos currículos, frequentemente com cargas horárias mínimas e pouco espaço para abordagens mais profundas ou interdisciplinares. Além disso, com a implementação do Novo Ensino Médio e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o espaço para o ensino de Filosofia se tornou ainda mais restrito, já que a disciplina passou a integrar a área de Ciências Humanas de maneira transversal e não obrigatória.

Rodrigues (2012) argumenta que as políticas educacionais recentes, embora busquem modernizar o ensino, muitas vezes acabam por fragilizar o papel da Filosofia, uma vez que não reconhecem sua especificidade e sua importância na formação integral dos estudantes. O currículo, guiado por metas de desempenho e competências técnicas, tende a reduzir a Filosofia a um instrumento de argumentação, desconsiderando seu caráter crítico, reflexivo e formativo.

Outro ponto crítico diz respeito à formação dos professores. Trevisan (2011) destaca o antigo dilema entre teoria e prática na formação docente, evidenciando que muitos professores de Filosofia são levados a ensinar sem uma formação específica ou com pouca bagagem metodológica para lidar com as exigências de um ensino que exige escuta, diálogo e adaptação constante às realidades juvenis. A carência de formação continuada, materiais didáticos

adequados e metodologias inovadoras contribui para o desinteresse dos alunos e para a dificuldade de tornar as aulas mais significativas.

Além disso, a metodologia tradicional — centrada na exposição de teorias e na memorização de conceitos — ainda é predominante em muitas escolas, dificultando a apropriação crítica dos conteúdos por parte dos estudantes. Veiverberg (2012), ao discutir o uso do cinema como ferramenta filosófica, propõe uma abordagem mais sensível e contextualizada, capaz de despertar o interesse dos alunos e estimular a construção coletiva do pensamento. Tais experiências revelam a necessidade urgente de repensar as práticas pedagógicas na área, incorporando linguagens mais próximas do universo juvenil.

Portanto, é fundamental reconhecer que o ensino de Filosofia no Ensino Médio enfrenta sérios entraves, mas que também há caminhos possíveis e experiências promissoras. Superar essas dificuldades requer investimento em políticas públicas, valorização da disciplina no currículo e formação sólida e contínua para os professores, para que a Filosofia possa cumprir plenamente sua função formadora no contexto escolar.

2.2 Avanços na Prática Pedagógica Filosófica

Apesar das dificuldades enfrentadas pelo ensino de Filosofia no Ensino Médio, observam-se nas últimas décadas importantes avanços e experiências pedagógicas bem-sucedidas que têm contribuído para revitalizar a prática filosófica em sala de aula. Esses avanços não se resumem à adoção de novos conteúdos, mas envolvem mudanças significativas na abordagem didática, na relação com os estudantes e na compreensão do papel da Filosofia como experiência formativa.

Martins (2000), ao refletir sobre uma nova Filosofia para o Ensino Médio, destaca a necessidade de romper com o modelo tradicional e meramente histórico de ensino, propondo uma Filosofia que se constitua como atividade viva e interrogativa, capaz de provocar os estudantes a pensar criticamente sobre sua realidade. Nesse sentido, o ensino filosófico deve partir de problemas concretos, do cotidiano dos jovens, e não exclusivamente de sistemas fechados

de pensamento. Essa mudança de enfoque favorece o desenvolvimento da autonomia intelectual e o engajamento dos alunos com o conteúdo.

Entre as estratégias pedagógicas que têm se mostrado eficazes, destaca-se a valorização da experiência do pensar como prática, e não apenas como conteúdo. Pucci (2015) argumenta que o ensino de Filosofia deve privilegiar a experiência filosófica em si, ou seja, a vivência do questionamento, da dúvida, do diálogo e da escuta como elementos formadores. Isso implica uma mudança na postura do professor, que deixa de ser apenas transmissor de conhecimento para assumir o papel de mediador do pensamento.

Melo e Urbanetz (2008) reforçam a importância da didática na estruturação de práticas pedagógicas significativas. Para eles, o ensino filosófico deve se apoiar em **métodos ativos**, como debates, estudos de caso, oficinas temáticas, projetos interdisciplinares e análise de filmes, músicas ou textos literários, que contribuam para o desenvolvimento das competências reflexivas e argumentativas dos estudantes. Essas metodologias criam um ambiente de participação e despertam o interesse dos alunos por temas filosóficos, tornando as aulas mais dinâmicas e contextualizadas.

Obiols (2002) também defende a ideia de que o ensino da Filosofia deve ser introdutório no sentido existencial, ou seja, deve convidar o aluno a se perceber como sujeito do pensamento, a refletir sobre sua vida, seu contexto e seus valores. Essa abordagem permite que o estudante se aproprie do pensamento filosófico de forma mais autêntica, reconhecendo a relevância da filosofia para a compreensão de si e do mundo.

Mendes (2014) observa que a formação de professores voltada para uma pedagogia crítica da Filosofia tem sido um elemento central nos avanços pedagógicos da área. Iniciativas como o PIBID, programas de extensão universitária e grupos de pesquisa voltados ao ensino de Filosofia têm possibilitado o desenvolvimento de novas práticas docentes, baseadas na pesquisa, na experimentação e na valorização da diversidade de linguagens. Tais ações têm contribuído para superar a visão engessada do ensino filosófico, permitindo a construção de um currículo mais flexível e conectado com os interesses dos alunos.

Autores como Cerletti (2003; 2009) também trazem contribuições importantes ao afirmarem que ensinar Filosofia é um problema filosófico em si,

pois exige do professor uma constante reflexão sobre o que significa ensinar a pensar. Para Cerletti, o ensino filosófico não deve buscar “passar conteúdos” de maneira neutralizada, mas sim provocar rupturas e aberturas no pensamento, criando condições para a emergência de uma postura crítica diante da realidade.

Ainda dentro dessa perspectiva, Prado et al. (2013) ressaltam o papel das tecnologias digitais e da Educação a Distância (EaD) como aliados no processo de inovação do ensino de Filosofia. Plataformas interativas, fóruns de discussão online, podcasts e vídeos filosóficos são ferramentas que, quando bem utilizadas, ampliam as possibilidades de contato dos estudantes com os conteúdos e com os debates contemporâneos.

Por fim, Norman e Feinberg (1996), ao abordarem o ensino da Filosofia sob uma perspectiva cristã, apontam que a educação filosófica também pode dialogar com valores espirituais e morais, desde que isso não limite o pensamento, mas o estimule a se abrir ao debate e à escuta respeitosa da pluralidade. Essa abordagem é especialmente relevante em contextos escolares onde a religião é um fator importante na formação dos estudantes, desde que se mantenha a perspectiva da liberdade de pensamento.

Dessa forma, os avanços nas práticas pedagógicas da Filosofia no Ensino Médio revelam um movimento consistente de transformação que busca superar os modelos tradicionais e reaproximar o ensino filosófico da vida dos estudantes. A formação de professores, a valorização da experiência, a adoção de métodos ativos e o diálogo com as questões contemporâneas configuram-se como caminhos promissores para fortalecer o papel da Filosofia como ferramenta formadora de sujeitos críticos e éticos.

2.3 Contribuições da Filosofia Contemporânea para a Renovação das Práticas em Sala de Aula

A Filosofia Contemporânea, ao romper com paradigmas fixos de racionalidade e com a busca por verdades universais e imutáveis, oferece aos educadores uma rica possibilidade de renovação das práticas pedagógicas, especialmente no Ensino Médio. Esse movimento não se limita à atualização de conteúdos, mas implica uma mudança na própria forma de conceber o ensino

filosófico: da transmissão passiva de sistemas de pensamento para uma experiência viva de reflexão, diálogo e problematização.

Segundo Cassiana Lopes Stephan (2022), inspirada nos trabalhos de Pierre Hadot e Michel Foucault, a filosofia deve ser entendida não apenas como uma disciplina, mas como um modo de vida, uma prática que transforma a maneira como o sujeito se relaciona consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Tal concepção rompe com a ideia da filosofia escolar como mera teoria abstrata e incentiva sua vivência prática no cotidiano escolar, permitindo ao estudante experimentar o pensamento como exercício ético e existencial.

Nesse sentido, autores como Michel Foucault, Hannah Arendt, Judith Butler e Emmanuel Lévinas, entre outros representantes da filosofia contemporânea, trazem temáticas centrais como poder, alteridade, ética da responsabilidade, identidade, liberdade e discurso — todas profundamente conectadas com as realidades vividas pelos jovens. O pensamento de Foucault, por exemplo, ao questionar as formas de constituição dos saberes e das subjetividades, pode ser explorado em sala de aula para discutir temas como vigilância, controle social, normatividade e resistência, abrindo espaço para que os alunos reflitam criticamente sobre seu lugar na sociedade e suas formas de atuação.

A filosofia arendtiana, por sua vez, ao enfatizar a importância do juízo reflexivo e da ação plural no espaço público, pode ser utilizada para fomentar discussões sobre democracia, participação política e responsabilidade cidadã, aspectos fundamentais da formação ética e social dos estudantes. Nesse mesmo caminho, a abordagem de Judith Butler sobre a construção social da identidade e a performatividade do gênero contribui para a ampliação do debate sobre diversidade, preconceito e inclusão no ambiente escolar.

Conforme aponta Mendes (2014), é preciso considerar que essas contribuições só se efetivam pedagogicamente quando integradas a práticas de ensino que priorizem o diálogo, a escuta ativa e a problematização. Isso requer, por parte do professor, uma postura filosófica diante do próprio ato de ensinar — uma abertura constante ao novo, ao inesperado e ao questionamento.

Além disso, como defende Cerletti (2003), ensinar Filosofia é, em si, um exercício filosófico, pois exige constante reflexão sobre os sentidos do conhecimento, do ensinar e do aprender. Para o autor, o ensino filosófico deve

ser conduzido como uma prática de desconstrução e reconstrução dos sentidos, partindo das inquietações reais dos estudantes e conduzindo-os à problematização crítica do mundo. Isso implica deslocar o foco do ensino de conteúdos fechados para experiências de pensamento, em que os alunos sejam protagonistas do processo reflexivo.

Essas perspectivas se articulam à proposta de Pucci (2015), que defende a valorização da experiência filosófica como centro do processo educativo. Segundo o autor, a sala de aula deve ser um espaço onde se vive a Filosofia, e não apenas se fala sobre ela. O ensino filosófico renovado, portanto, propõe-se como um convite à aventura do pensamento, em que o erro, a dúvida e o conflito são elementos constitutivos do aprendizado.

Martins (2000) também contribui com essa visão ao propor uma Filosofia voltada à realidade do aluno, baseada em temas significativos para sua vida. Essa orientação sugere que, ao invés de seguir uma ordem cronológica rígida dos filósofos, o ensino pode se organizar em torno de questões filosóficas contemporâneas, como ética no uso das tecnologias, relações de poder, justiça social, liberdade individual, entre outros temas pertinentes ao universo juvenil.

Por fim, Prado et al. (2013) destacam o papel das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) como aliadas no ensino de Filosofia, especialmente no diálogo com a Filosofia Contemporânea. A utilização de vídeos, podcasts, plataformas de discussão, documentários e redes sociais pode facilitar o acesso dos estudantes a autores e temas filosóficos, tornando a experiência mais interativa e conectada com a linguagem e o ritmo da juventude.

Dessa forma, a Filosofia Contemporânea oferece à educação um repertório teórico e metodológico potente para a renovação das práticas em sala de aula. Ao dialogar com temas urgentes da atualidade e propor um ensino reflexivo, ético e sensível às diferenças, ela contribui para a formação de sujeitos autônomos, críticos e capazes de intervir na realidade com consciência e responsabilidade.

2.4 Práticas pedagógicas no ensino de Filosofia

A prática pedagógica no ensino de Filosofia não deve ser compreendida como um conjunto estanque de técnicas ou estratégias isoladas, mas como uma atividade essencialmente mediadora entre a teoria filosófica, a atuação docente e o contexto sociocultural dos estudantes. A didática, nesse sentido, ultrapassa a mera aplicação de conteúdos prontos e assume-se como um campo constituído por relações e mediações complexas entre o saber filosófico, os sujeitos envolvidos no processo educativo e a realidade social em que esse processo se insere. Trata-se, portanto, de uma prática viva e dinâmica que exige reflexão constante sobre seus fundamentos, objetivos e implicações.

Ao refletir sobre esse papel, Cerletti (2004) propõe uma ampliação da compreensão da didática da Filosofia, entendendo-a como um "ensino filosófico da Filosofia". Essa concepção permite superar a tradicional dicotomia entre teoria e prática, ao passo que reconhece na própria Filosofia a capacidade de pensar as condições de seu ensino. Dessa forma, ensinar Filosofia torna-se uma atividade filosófica em si, na medida em que problematiza suas próprias formas, métodos e finalidades. A sala de aula, nesse contexto, transforma-se em um espaço privilegiado de produção de sentido, de questionamento e de construção da autonomia intelectual dos estudantes.

Essa perspectiva é fortalecida por Candau (2005), ao afirmar que a didática deve estar fundamentada nas diferentes disciplinas que compõem os saberes da educação, mas sem abdicar de sua especificidade, que é justamente mediar teoria e prática na busca por transformar o processo de ensino-aprendizagem. Com isso, a Filosofia não se limita à transmissão de conteúdos históricos ou sistemáticos; ela contribui com uma forma particular de abordar o ensino, marcada pela problematização, pela interrogatividade e pela abertura ao diálogo, características que lhe são constitutivas.

A tradição filosófica, por sua vez, já oferece modelos paradigmáticos de mediação didática, como o método dialético de Platão, fundamentado na maieusis socrática. Nesse modelo, o mestre não impõe verdades, mas conduz o discípulo à descoberta, por meio do diálogo, de conhecimentos que já estão em potência em seu interior. Esse tipo de prática pode e deve inspirar o ensino contemporâneo da Filosofia, especialmente por seu compromisso com a formação de sujeitos autônomos, críticos e conscientes.

Para Melo e Urbanetz (2008), a didática envolve não apenas uma dimensão técnica, mas também um aspecto político. Ensinar, portanto, é uma atividade que carrega em si um posicionamento ético e social. A prática didática em Filosofia, nesse sentido, não é neutra; ela se compromete com a emancipação dos estudantes e com a transformação da realidade. Essa mediação didática é ainda mais ampla quando entendida à luz de Libâneo (1994), que a define como ponte entre a teoria pedagógica e a prática educativa, uma relação que se dá dentro e fora da sala de aula, sempre vinculada a um projeto social maior.

No contexto brasileiro, o ensino de Filosofia passou por diversas rupturas ao longo do tempo. Durante o regime militar, a disciplina foi retirada dos currículos sob a justificativa de que estimulava o pensamento crítico, o que revela o quanto a Filosofia pode ser subversiva em relação a estruturas autoritárias. Essa exclusão comprometeu o desenvolvimento de uma tradição pedagógica consistente na área, sendo necessário, nas décadas seguintes, reconstruir seu lugar na escola e na formação dos jovens (Araújo; Campos; Bulhões, 2018).

O retorno da Filosofia ao currículo do Ensino Médio, especialmente a partir da promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais (2006) e da Lei nº 11.684/2008, representa mais do que uma conquista normativa: constitui uma possibilidade concreta de ressignificar a disciplina, tornando-a um espaço de reflexão crítica e formação ética. No entanto, essa reinserção exige a superação de métodos obsoletos e a adoção de práticas que dialoguem com a realidade dos estudantes e com os desafios contemporâneos. Oliveira (1993) observa que a didática, no Brasil, foi inicialmente concebida como um conjunto de normas práticas, o que dificultou sua consolidação como um campo teórico autônomo. A partir dos anos 1980, no entanto, emergem propostas que buscam compreender a didática como um espaço de mediação e transformação, com base em fundamentos filosóficos, sociológicos e pedagógicos.

Diante das exigências atuais, é imprescindível que o ensino de Filosofia incorpore metodologias ativas que valorizem a participação, a problematização e a construção coletiva do conhecimento. Entre essas metodologias, destacam-se a conversação didática, os diálogos sucessivos, as aulas expositivas dialogadas, os trabalhos em grupo, os seminários e debates, bem como a pesquisa como prática pedagógica. A conversação didática, como destaca Libâneo (1993), é uma técnica que visa desenvolver competências como argumentação, escuta ativa e expressão de ideias. Ela se organiza a partir de perguntas orientadoras que mobilizam o estudante a

refletir sobre sua própria experiência e a se posicionar criticamente diante dos conteúdos.

Já os diálogos sucessivos, propostos por Masetto (2003), contribuem para o desenvolvimento da escuta, do respeito à diversidade de opiniões e da construção compartilhada do saber. Trata-se de uma prática que reforça a natureza dialógica da Filosofia e que estimula o aluno a repensar suas próprias ideias à luz do que ouve e debate com os colegas. As aulas expositivas, por sua vez, não devem ser descartadas, mas ressignificadas. Gil (2008) destaca que, quando bem planejadas e associadas a recursos interativos e à contextualização dos temas, elas podem despertar o interesse dos alunos, apresentar conteúdos novos e sistematizar aprendizagens de maneira significativa.

A colaboração entre os estudantes, incentivada por meio de trabalhos em grupo, promove o desenvolvimento de atitudes mais positivas em relação à aprendizagem e fortalece a autonomia intelectual. Fulford e Zhang (1993) e Flores (2001) ressaltam que a aprendizagem colaborativa é eficaz justamente porque valoriza a troca de experiências e a negociação de significados. No mesmo sentido, a pesquisa como prática educativa transforma o papel tradicional do professor, que passa a atuar como orientador de processos investigativos, e do aluno, que se torna protagonista de sua aprendizagem. Como enfatiza Paulo Freire (1997), a indagação e a curiosidade fazem parte da própria natureza da docência comprometida com a autonomia.

Seminários e debates também representam estratégias fundamentais no ensino de Filosofia, pois favorecem a oralidade, o pensamento crítico e a capacidade argumentativa dos estudantes. Segundo Haidt (2003) e Bordenave e Pereira (2011), essas práticas são importantes não apenas pela exposição de conteúdos, mas principalmente por promoverem a escuta, o respeito à diversidade e o posicionamento ético diante de questões complexas. Assim, o espaço da sala de aula se transforma em um “viveiro de ideias”, retomando o sentido original do termo “seminário” como lugar de germinação do pensamento.

Outro aspecto essencial das práticas pedagógicas filosóficas é a contextualização do conhecimento. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013) indicam que o conteúdo escolar deve estar articulado à realidade dos estudantes para que a aprendizagem se torne significativa. Maioli (2012) afirma que a contextualização permite relacionar os conteúdos filosóficos com temas contemporâneos, como ética, ciência, política, tecnologia e meio ambiente, ampliando assim a relevância do ensino para além dos muros da escola.

Essa perspectiva também se articula à interdisciplinaridade, que favorece o diálogo entre a Filosofia e outras áreas do saber, como Sociologia, História, Arte e Literatura. Ao trabalhar de forma integrada, o ensino filosófico contribui para a formação integral dos estudantes, estimulando a análise crítica da realidade e o reconhecimento da complexidade dos fenômenos sociais e culturais.

Em síntese, as práticas pedagógicas no ensino de Filosofia, quando fundamentadas em uma didática crítica e transformadora, são capazes de promover uma educação voltada para a emancipação dos sujeitos. A Filosofia, ao ensinar a pensar, questionar e dialogar, oferece aos estudantes ferramentas para compreenderem o mundo e a si mesmos, contribuindo de forma decisiva para sua formação ética, intelectual e cidadã.

CONCLUSÃO

A partir da presente investigação, foi possível compreender que o ensino de Filosofia no Ensino Médio enfrenta importantes desafios estruturais, pedagógicos e curriculares, mas também tem vivenciado avanços significativos, especialmente quando orientado pelas contribuições da Filosofia Contemporânea. A pergunta norteadora conduziu a uma análise que demonstrou tanto os limites quanto as possibilidades transformadoras dessa prática educativa.

Entre os principais desafios identificados, destacam-se a desvalorização histórica da disciplina, a restrição da carga horária, a formação insuficiente de professores e a predominância de métodos tradicionais e pouco dialógicos. Tais obstáculos são agravados por políticas educacionais recentes, como o Novo Ensino Médio, que tendem a reduzir o espaço das humanidades e da formação crítica nos currículos escolares.

Por outro lado, verificou-se que há experiências pedagógicas bem-sucedidas e em crescimento, baseadas na adoção de metodologias ativas, no uso de temas contemporâneos e no incentivo à participação estudantil. Tais práticas apontam para uma renovação do ensino filosófico, centrada na vivência do pensamento, na problematização da realidade e na valorização da escuta e do diálogo.

A Filosofia Contemporânea mostra-se fundamental nesse processo, ao oferecer um arcabouço teórico que rompe com dogmatismos e estimula a reflexão crítica sobre temas urgentes do mundo atual — como poder, ética, linguagem, subjetividade, identidade e democracia. Pensadores como Foucault, Arendt, Butler e Hadot permitem que o ensino de Filosofia se aproxime das vivências dos estudantes e se torne uma prática significativa e formadora da autonomia.

Conclui-se, portanto, que o fortalecimento do ensino de Filosofia no Ensino Médio depende da superação de desafios estruturais, mas também da adoção de uma postura filosófica renovada, comprometida com a formação crítica, ética e cidadã dos jovens. Nesse sentido, a Filosofia Contemporânea não apenas enriquece o conteúdo a ser ensinado, mas reorienta o próprio sentido do ensinar e do aprender a filosofar, transformando a sala de aula em um espaço de liberdade, escuta e pensamento.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pire. **Filosofando: introdução à filosofia**. 5. Ed. São Paulo: Moderna, 2013.

ARAÚJO, Ediel dos Anjos et al. Ensino de filosofia: dificuldades e avanços no ensino básico. **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 9. n. 3 (2018), p. 163-180.

ARAÚJO, Joelson; CAMPOS, Lindoaldo; BULHÕES, Fernanda (orgs). **Ensino de filosofia no ensino médio: desafios, práticas e perspectivas**. – Natal: PPGFIL, 2018.

BORDENAVE, Juan D.; PEREIRA, Cristina. **Práticas de ensino e aprendizagem: diálogos e contextos**. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEB, 2006. 3 v.

CANDAU, Vera Maria (org.). **A didática em questão**. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CERLETTI, Alejandro. **O Ensino de filosofia como um problema filosófico**. Belo horizonte: Autêntica, 2009.

CERLETTI A. Ensino de filosofia e filosofia do ensino filosófico. In: GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, M. (Org.). **Filosofia do ensino de filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

COSTA, Mauro Alves da. **História e filosofia da ciência e implicações para o ensino.** – Florianópolis : Publicações do IF-SC, 2010.

DEYNA, Wanderley José. **Filosofia no ensino médio: considerações sobre a reforma educacional brasileira a partir do pensamento de Theodor Adorno.** Sofia, Vitória (Es), v.6, n.3, p. 5-25, jul./dez. 2017.

FLORES, Maria de Lourdes S. **Aprendizagem colaborativa: conceitos, estratégias e metodologias.** São Paulo: Cortez, 2001.

FULFORD, Charles P.; ZHANG, Shangji. **Constructivism and technology: A perfect match.** *Educational Technology*, v. 33, n. 12, p. 17-21, 1993.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio.** Campinas: Papirus, 2012.

GODOY, Juliano Bernardino de. **A Filosofia da educação no pensamento de Theodor Adorno.** IN:MACHADO, Maria Izabel (Org.). **Filosofia contemporânea** [recurso eletrônico] /. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.

GONÇALVES, Rita de Athayde et al (orgs). **Filosofia e interfaces: 50 anos do curso de filosofia da Unifra.** Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2010. p. 39–56.

GOTO, T. A. **Introdução à psicologia fenomenológica.** A nova psicologia de Edmundo HACCCK, S. **Filosofia das Lógicas.** Tradução de César Mortari e Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

HAIDT, Jonathan. The emotional dog and its rational tail: A social intuitionist approach to moral judgment. *Psychological Review*, v. 108, n. 4, p. 814-834, 2003.

MAIOLI, Maria. **Contextualização no ensino: princípios e práticas pedagógicas.** São Paulo: Editora XYZ, 2012.

MARTINS, M. F. Uma nova Filosofia para o Ensino Médio. In: GALLO, S.; KOHAN, W. O. (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MASETTO, Marcos Tarcisio. **Competência pedagógica do professor universitário** 2. ed. Campinas: Papirus, 2003.

MELO, Alessandro de.; URBANETZ, Sandra Terezinha. **Fundamentos de didática.** – Curitiba: Ibpex, 2008.

MENDES, Vanderlei da Silva. **Perspectivas para o ensino de filosofia.** In: X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arg_pdf/739-0.pdf. Acesso em: 22 jun. 2025.

NORMAN, L.G.; FEINBERG, P. D. **Introdução à Filosofia – Uma perspectiva Cristã.** Vida Nova, SP, 1996, p. 11-64.

OBIOLS, Guillermo. **Uma introdução ao ensino da Filosofia.** Ijuí: Unijuí, 2002.

PRADO, Lúcio Lourenço; JUNIOR, Klaus Schlünzen; SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya (Organizadores). **Filosofia** – São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista: Núcleo de Ensino à Distância, [2013]. -- (Coleção Temas de Formação; v. 1).

PUCCI, Bruno. O privilégio da experiência filosófica no processo educacional. **III Congresso Latino Americano da Filosofia da Educação**, México 2015. Disponível em <http://filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/view/70/52>. Acesso em: 22 jun. 2025.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira**: a organização escolar. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978

ROCHA, Ronai Pires da. **Ensino de Filosofia e Currículo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

RODRIGUES, Zita Ana Lago. O ensino da Filosofia no Brasil no contexto das políticas educacionais contemporâneas em suas determinações legais e paradigmáticas. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 46, p. 69-82, out./dez. 2012. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n46/n46a06.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2025.

RUSSELL, B. **Os problemas da filosofia**. Tradução Antônio Sérgio. Coimbra: Almedina, 2001.

TREVISAN, Amarildo Luiz. Filosofia da Educação e formação de professores no velho dilema entre teoria e prática. **Educ. rev.** [online]. 2011, n.42, pp.195-212. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602011000500013&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 01 mar. 2021.

VEIVERBERG, Fernanda de Oliveira. Cinema e Filosofia. In: TOMAZETTI, Elisete M. (Org.). **Filosofia no ensino médio**: experiências com cinema, teatro, leitura e escrita a partir do PIBID. São Leopoldo: Oikos, 2012.